

"FENOMENOLOGIA DO SER SITUADO: CRÔNICAS DE UM VERÃO TROPICAL URBANO" - RESENHA CRÍTICA

"Fenomenologia do ser situado: crônicas de um verão tropical urbano" – A critical review

Rodrigo Corrêa Teixeira

Doutor em Geografia pela UGMG.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas, Brasil

rteixeira@pucminas.br

Recebido: 15.02.2023

Aceito: 15.03.2023

Resumo

Em "Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano", o geógrafo Eduardo Marandola Jr. elabora uma proposta de leitura geográfica que busca dar inteligibilidade à vivência espacial em meio às crises do sujeito e do ambiente. Com base na fenomenologia de Martin Heidegger, o livro dá sequência à trajetória acadêmica de Marandola Jr., em diálogo com a obra de Éric Dardel. O livro propõe a elaboração de caminhos epistemológicos críticos à colonialidade, tendo como referência o imperativo contemporâneo da justiça ambiental.

Palavras-chave: Geografia, Fenomenologia, Éric Dardel, Crise ambiental

Abstract

In "Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano", the geographer Eduardo Marandola Jr elaborates a proposal of geographical reading that intends to provide readability to the spatial living amidst the subject and the environmental crises. Based on Martin Heidegger's phenomenology, the book follows Marandola Jr's academic path, proposing a dialogue with Éric Dardel's work. Furthermore, the book proposes elaborating epistemological pathways that criticize coloniality, with the contemporary imperative of environmental justice as its reference.

Keywords: Geography, Phenomenology; Éric Dardel; Environmental crisis

1. INTRODUÇÃO

A geograficidade dardeliana ganha um sentido situado por excelência, seja pelo lugar seja pela paisagem. Ambos estão amalgamados como horizonte de sentido e forma de ser-e-estar-no-mundo. Expressam a proximidade e a abertura que permitem não apenas o autorreconhecimento e nosso centramento, como seres-no-mundo, mas também os encontros, o estar-junto de forma situada, como seres-em-situação. Este mundo e esta situação não estão pautados por uma divisão ontológica anterior entre natureza e cultura ou sociedade e ambiente: como componentes da quadratura, recebem seu sentido a partir de nosso modo de habitar enquanto mortais. Habitar que se funda e se corporifica nos lugares e nas

paisagens, ao mesmo tempo que se abre a partir deles, como possibilidade (MARANDOLA Jr., 2012, p. 58).

Em sua obra, o geógrafo londrinense Eduardo Marandola Jr. criou uma série de aproximações para compreender as experiências dos seres humanos nos lugares, a partir de suas próprias vivências, potencializadas em diálogos entre os pensamentos geográfico, filosófico e literário. "A Fenomenologia do ser-situado", seu mais recente livro, resulta da sua tese de livre-docência na área de Sociedade e Ambiente na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), apresentada em 2016.

2. RESENHA CRÍTICA

O argumento estruturante do livro é anunciado com evidência ao se dizer sobre "a crise do pensamento, como crise do sujeito, e a crise ambiental, como crise de civilização" (MARANDOLA Jr., 2021, p. 29). São duas crises conectadas, formando uma única, entrelaçadas por um sistema produtivo que se sustenta pelas separações entre sociedade e ambiente, natureza e cultura. Esses processos são pensados sob o ponto de vista de uma dinâmica integrada, mediando as experiências dos seres-no-mundo e as circunstâncias dos lugares. Nesse sentido, a importância das contribuições de Martin Heidegger para o trabalho é significativa, associada às "situações de um verão urbano brasileiro" (MARANDOLA Jr., 2021, p. 29)

Ao longo de sete capítulos, Marandola Jr. busca fortalecer o sentido de lugar, articulando tanto experiência de campo quanto as várias escalas de construção do conhecimento em uma perspectiva fundada na facticidade cotidiana da vida. Do ponto de vista temático, a obra explora, numa intersecção bem-sucedida entre filosofia e geografia, temas como população e ambiente; cidades e mudanças climáticas; sustentabilidade e resiliência urbano-social; o ser-no-mundo, relacionado principalmente com as questões da experiência metropolitana, dos riscos e das vulnerabilidades; e reflexões cada vez mais profundas sobre as interfaces geografia - epistemologia/fenomenologia. Com efeito, nas sociedades contemporâneas, o mundo vivido traz significações para as interações sociais. Essas, por sua vez, potencializam e/ou sabotam os processos de emancipação social. A justiça social torna-se cada vez mais justiça socioambiental. Frente às complexidades das mudanças ambientais e das mobilidades sociais, econômico e políticas, como a dimensão cultural se apresenta? Sobrevivem ainda mundos vividos? Caso sim, de que modo? Em busca de respostas, o autor percorre Londrina-PR, Bento Rodrigues-MG, Fundão-MG,

Piracicaba-SP, Limeira-SP, Riachão do Jacuípe-BA e Jaguaquara-BA em meio às reflexões locais, regionais e globais.

Há algumas décadas, o geógrafo Éric Dardel, pouco conhecido até bem pouco tempo, publicava um texto denominado *L'Homme et la Terre* (O homem e a Terra). Sua escrita é como a do poeta. Seu estilo, tal como visto pelos próprios geógrafos: descritivo. Um poeta descritivo? Um poeta que deseja, mais do que ser poeta, ser cientista? Escreve Eric Dardel, sobre a linguagem do geógrafo:

Presença, presença insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta. Linguagem direta, transparente, que "fala", sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso "objetivo" do erudito, porque ela transcreve fielmente o texto traçado sobre o solo. [...] O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, cambiante (DARDEL, 2011, p. 3).

O que dizer das comparações diretas feitas por Eric Dardel, sem constrangimentos? Estamos em 1952. Quem será o erudito de Eric Dardel? Sábio, de linguagem objetiva: o que poderá significar tal adjetivo, ao se desejar construir o perfil de um erudito? Um sábio feito do rigor da ciência? No entanto, o texto de Eric Dardel poderá ser lido com outros olhares: a linguagem da ciência deverá ser, para mais bem dizer, a linguagem da poesia, da literatura: linguagens de sabedoria (CALVINO, 1990). Assim, como pensar a linguagem descritiva nesse contexto?

Marandola Jr. procura uma escrita do geógrafo privilegiando uma precisão, fazendo avançar a proposta de Dardel. O texto da geografia convencionalmente contém mapas e outras formas de representação do espaço. Os códigos de representação do nosso autor têm suporte na argumentação epistemológica: reflexões ensaísticas geradoras de um acesso à leitura geográfica. O escritor traz crônicas. Tratando de acontecimentos diários, mas não como simples notícias. Os fatos dialogam com situações vividas, entre tempos e espaços. Sobretudo, recria-se as observações com sabor literário:

A crônica nasceu como gênero jornalístico, ligada aos fatos do dia: crônica esportiva, por exemplo (Sá, 1997). Expressa não apenas o factual, mas também uma análise, um posicionamento crítico e também uma visão particular do assunto ou acontecimento. Outra origem é a crônica histórica: compilar, sistematizar os fatos mais importantes, traçando uma cronologia (Neves, 1995).

Aqui já fica clara a dimensão temporal da crônica: o tempo da história, objetivo e factual, ao mesmo tempo que recebe a dimensão do passageiro e do imediato com o jornal, embora mantenha este lastro: a crônica esportiva é também o conjunto das crônicas e cronistas que desenham uma história.

No entanto, isso tudo vale para a crônica como gênero que se manifesta em vários lugares. No Brasil, ela se transforma, o que a torna um gênero profundamente

brasileiro (Candido, 1992), expressão deste ser-aí histórico. Na carência de meios para os escritores sobreviverem, os jornais eram um dos destinos correntes. São exemplos conhecidos Machado de Assis, João do Rio, Lima Barreto, Cecília Meireles, Rubem Braga, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, entre tantos outros. No espaço limitado do jornal, regido pelo tempo da máquina da próxima edição, estes autores tomaram o ordinário e o factual em uma abertura sensível para o mundo. Pequenas doses de poética, encantamento, crítica, humor, reflexão e muita sensibilidade (MARANDOLA Jr., 2012, p. 61- 62).

A "Fenomenologia do ser-situado" se constrói por meio de crônicas, diurnas e noturnas, em meio a geograficidades de um verão tropical. Amorim Filho (2021, p. 20-21), no Prefácio do livro, destaca que, por meio de um aprofundado e sensível conjunto de ligações entre filosofia, ciência e experiência, Eduardo Marandola Jr. escolhe "três ideias centrais": finitude, resiliência e identidade. Para além dessas, outros conceitos e ideias-chave do geógrafo podem ser rastreadas, como propomos no quadro abaixo:

Quadro 1: Conceitos utilizados por Eduardo Marandola Jr. em "Fenomenologia do ser-situado"

"Condição política do existir"
<i>Dasein</i> (Ser-com-os-outros-no-mundo, se projetando em possibilidades de ser)
Fenomenologias
Finitude
Hermenêutica
Identidade
<i>Mitsein</i> (<i>Dasein</i> no mundo com os Outros, relação entre os seres)
Resiliência
"Vulnerabilização dos seres-em-situação" (ressalta-se as questões ambientais no cerne desse conceito)

Fonte: elaboração própria, com base em Marandola Jr. (2021).

Noutro trabalho, o autor já havia assinalado, de forma bastante evidente, algumas categorias de análise importantes:

Quadro 2: Conceitos e ideias heideggerianas utilizadas por geógrafos estadunidenses.

<i>Dasein</i>
<i>Dwelling</i> (habitar)
Ser-no-mundo
Identidade/diferença
Autenticidade
Quadratura do habitar
Entendimento do tempo
Comportamento (práticas corporais)
Posição-situação

Fonte: Marandola Jr. (2012, p. 85).

Conforme observado pelo prefaciador Oswaldo Bueno Amorim Filho, a obra de Marandola Jr. tem sido construída privilegiando principalmente os temas da população e ambiente, das cidades à luz das mudanças climáticas – incluindo, no tema, a sustentabilidade e a resiliência urbano-social – e, servindo como cotejo para os temas em tela, a ideia de ser-no-mundo. Dessa forma, Marandola Jr. vem elaborando, ao longo de sua trajetória intelectual, diálogos reflexivos cada vez mais densos sobre as relações e interfaces entre a Geografia, o debate epistemológico e a fenomenologia (AMORIM FILHO, 2021). A coesão desse caminho resta evidente na nova obra, já que, por meio de seu trabalho, ele reafirma a importância da epistemologia da Geografia na contemporaneidade. O livro proporciona uma interpretação do mundo transdisciplinar, envolvendo os saberes comprometidos com a leitura de processos que se referem aos conceitos que, também, são de interesse da geografia, como os de geograficidade, espaço vivido e paisagem. No prefácio, uma síntese acerca da estrutura do trabalho é realizada:

Ao fim do primeiro capítulo, talvez para não deixar margem ao surgimento de um exagero no sentido contrário, Marandola Jr. volta à relação pensamento diurno/noturno para afirmar, a partir do próprio Bachelard, que "noturno e diurno não podem ser compreendidos de forma antagônica" e que "negar o dia é assumir a impossibilidade da noite". Ambos os pontos de vista, principalmente quando bem conectados, acabarão por permitir uma aproximação maior da compreensão das perspectivas experienciais dos homens nos lugares de suas vivências, inclusive e, sobretudo, de suas duras precariedades. Uma das grandes possibilidades de se chegar a essa compreensão reside no crescimento dos estudos humanista-culturais, que desvelarão a condição dos seres-em-situação, tal como preconizado por Heidegger e seus continuadores. É justamente neste sentido que se desenvolvem os densos relatos (as circunstâncias) contidos nos cinco capítulos seguintes, carregados de experiências extremas, que têm em comum, sobretudo, riscos ambientais cada vez mais presentes no ambiente tropical de muitas de nossas existências. Esses relatos começam no capítulo 2 ("Se O chão treme"), passando sucessivamente pelos capítulos 3 ("Se a chuva leva tudo"), 4 ("Se não tem água na torneira"), 5 ("Se o lugar é apenas a casa") e 6 ("Se a barragem estoura"). Em síntese, utilizando-se da crônica como linguagem, o autor faz com que leitor reflita sobre esses relatos de modo bem diferente daquele usado em noticiários e textos, quase sempre superficiais e descompromissados, veiculados por mídias que não deixam lugar para a compreensão, a compaixão e, quem sabe, a busca da superação e da reabilitação. Esses riscos e as vulnerabilidades que trazem para os seres-situados em seu raio de ação mais destrutivo resultam, comumente, em experiências muito dolorosas. As perspectivas abertas pelas abordagens fenomenológicas (sobretudo heideggerianas no caso presente) dessas vulnerabilidades dos seres-em-situação de calamidades ambientais e/ou sociais têm uma natureza intrinsecamente diferente da superficialidade e do objetivismo que dominam a ciência e o discurso prevalente nas sociedades ditas modernas. A obra se conclui com o capítulo que tem um título de grande significado humanista, "Vulnerabilidade: precariedade da existência", e com um outro, de menores dimensões, denominado "Crepúsculo", que pode ser entendido como uma reflexão final não apenas sobre as experiências dos seres-em-situação de vulnerabilidade e precariedade, mas também sobre uma questão espinhosa que usualmente não é levantada por pessoas tão jovens como Eduardo Marandola Jr.: a morte e a finitude. (AMORIM FILHO, 2021, p. 20-21)

A abertura dialógica da obra e seus traços fundamentais – o núcleo epistemológico de corte heideggeriano, a tradução em linguagem de fluidez imagética e o objetivo de participar crítica e construtivamente da discussão sobre a crise ambiental – vem à tona por meio da retomada de seu sumário.

Quadro 3: Estrutura da obra - sumário

COMPONENTES	PÁGINAS
Agradecimentos	7 – 8
Prefácio (Oswaldo Bueno Amorim Filho)	11 – 22
Apresentação	23 – 27
Argumento	29
Capítulo 1. Seres-em-situação: circunstância e lugar	31 – 64
<i>O noturno enquanto pensamento</i>	33 – 45
<i>O segundo brilho</i>	45 – 52
<i>A casa como lugar da espera noturna</i>	53 – 58
<i>O silêncio</i>	58 – 64
Capítulo 2. Se o chão treme	65 – 72
Capítulo 3. Se a chuva leva tudo	73 – 80
Capítulo 4. Se não tem água na torneira	81 – 93
Capítulo 5. Se o lugar é apenas a casa	95 – 105
Capítulo 6. Se a barragem estoura	107 – 117
Capítulo 7. Vulnerabilidade: precariedade da existência	119 – 135
<i>Experiência da morte e finitude</i>	120
<i>Resiliência: continuar-sendo, mudar ou perceber?</i>	123 – 127
<i>Identidade: um clamor ético</i>	127 – 132
<i>Crepúsculo</i>	133 – 135
Referências	138 – 153

Fonte: elaboração própria, com base em Marandola Jr. (2021).

Posto esse panorama, o livro, em diálogo constante com a fenomenologia-hermenêutica de Martin Heidegger (Império Alemão, 1889 - 1976), pode dizer algo sobre condições sociais, culturais, econômicas e políticas do Sul Global, particularmente América Latina e Brasil? Sim, ao oferecer pistas preciosíssimas para se pensar os processos envolvendo colonialidades e justiça socioambiental. Por meio de sua proposta, é possível deslocar-se por distintas espacialidades, rastrear (des)localizações, enfrentar estranhamentos e aproximações, de modo a entrever uma dinâmica geográfica permeada de tensões entre o local e o global, assim como entre indivíduos e as coletividades. O imaginário e as subjetividades interferem na projeção de mundo do cidadão e, em particular do viajante.

Destaca-se o conjunto de problemas associados ao meio ambiente como um tema desafiador, mas ao mesmo tempo, como uma agenda de pesquisa inadiável:

A grande tarefa do pensamento se apresenta, não por acaso, entremeada e revelada pela minha própria trajetória e esforço de trabalhar com os múltiplos temas com os quais estive envolvido: trata-se da propalada "questão ambiental" que, de questão pontual, converte-se em expressão do grande desafio contemporâneo. Tenho três razões para fazer tal afirmação: 1) a "questão ambiental" chegou a tal ponto que não é mais manifestação da crise, mas é ela que dá vida e articula as outras crises; 2) a "questão ambiental" é, acima de tudo, uma crise do modo de pensamento que se manifesta como crise da linguagem; 3) a "questão ambiental" é, antes de mais nada, uma crise existencial, ontológica (MARANDOLA Jr., 2012, p. 45).

Nesse contexto, a Geografia (re)produz fronteiras e (in)definições tanto territoriais quanto topológicas, assim como incertezas conceituais. Se, por um lado, o campo frequentemente inventa códigos para determinar e reconhecer ações territorializadas, há um estranhamento que acontece tanto na perspectiva de quem observa a partir das margens quanto para indivíduos e grupos sociais que não se reconhecem no espaço. Essa percepção questionadora em torno de si surge especificamente em uma situação fronteira, onde o sujeito não se identifica ou conscientiza a sua condição de incompletude e fragilidade, mas, mesmo assim, deseja novos espaços e tempos. No século XXI, a América Latina e o Brasil geraram resistências éticas e estéticas, a partir das margens da modernidade, confrontando as experiências hegemônicas por meio de experiências identitárias de coexistência das comunidades tradicionais, na procura do resgate de uma ancestralidade não controladora da natureza, isto é, contrária à colonialidade da natureza.

Com a intenção de dialogar com a crise ambiental, o autor diz:

Trata-se de uma reorientação que, no período contemporâneo, tem muitos representantes, para além do próprio ambientalismo, que se colocam como antimodernos, pelo menos no sentido de contrapor-se à racionalidade eurocêntrica. Novas epistemes e epistemologias sul, fundadas em outras espacialidades e outros marcos cosmogônicos no âmbito da descolonização do pensamento, têm tornado o debate contemporâneo muito significativo. Sejam as próprias cosmopolíticas (Lolive; Soubeyran, 2007), cujo pensamento de Stengers (2015) expressa seu potencial heurístico, os (socio)ecologismos do sul (Souza-Lima; Maciel-Lima, 2014), o pensamento ambiental latino-americano (Leff, 2001; Angel Maya; 2002; Noguera, 2004), os saberes de comunidades tradicionais, indígenas, camponeses e quilombolas (Porto-Gonçalves, 2012; Mires, 2012; Bassey, 2015) e o giro decolonial (ou descolonial) (Lander, 2000; Quijano, 2005; Cruz; Oliveira, 2017) que se colocam como contra racionalidades e alternativas para a construção de um outro discurso e prática ambiental, na América Latina e no mundo.

A crise de escala e a crise de pensamento são, no fundo, uma crise existencial do ser humano que se pergunta sobre seu destino e sua natureza. Na impossibilidade de compreensão de si mesmo, com a crise do humanismo (Giacoina Jr., 2010), o peso da ruptura ontológica homem-natureza ganha contornos de crise. Robert Bernasconi (2013), em uma reflexão sobre o racismo, reafirma a não dissociação, de um ponto de vista fenomenológico, entre natureza e cultura. O filósofo mostra como a dissociação pautada em uma naturalização da cultura ou culturalização da natureza é limitante em ambos os sentidos, apontando a tendência dominante atual das ciências humanas de recusa de qualquer sentido de hereditariedade biológica

como uma negação do próprio humano e uma impossibilidade de lidar com as complexas questões que envolvem diferentes tipos de racismos atualmente (MARANDOLA Jr., 2012, p. 52).

Ao se analisar as práticas territoriais na busca de possíveis processos comunitários alternativos, deve-se submetê-las a uma intensa reflexão pelos próprios movimentos sociais, introduzindo diálogos que rompam com os imperativos das regras do jogo hegemônico. O esforço necessário para isso significa o imperativo de reelaborar bases teóricas que submetam a agenda das políticas públicas aos pensamentos epistemológicos dos povos subalternizados. Trata-se, portanto, de evidenciar a uma autorreflexão sobre quais racionalidades, subjetividades e geograficidades se está (re)construindo e incorporando frente aos empecilhos da colonialidade hegemônica.

Entre luzes, cores e sombras nota-se a presença da geografia na modernidade em todas as suas afirmações e contradições. O livro, fazendo incursões no estabelecimento de relações entre ciência, filosofia e literatura, expõe uma multiplicidade de enfoques e conteúdos geográficos, humanistas e culturais possíveis. As imaginações e as experiências ambientais trazem tanto paisagens vividas e significadas, quanto sentidos de lugar.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. Prefácio. In: MARANDOLA Jr., E. **Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano**. São Paulo: Editora Unesp, 2021. p. 11 -22.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MARANDOLA Jr., E. **Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano**. São Paulo: Editora Unesp, 2021. 154p.

MARANDOLA Jr., E. **Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano**. Tese (Livre Docência em Ambiente e Sociedade). Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira/SP, 2016.

MARANDOLA Jr., E. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, v. 37, p. 81-94, 2012

Recebido: 15.02.2023

Aceito: 15.03.2023